

Recontextualização da Cultura Clássica na Educação Básica:

Uma experiência dentro de uma biblioteca escolar

BÁRBARA SIQUEIRA MARTINS
THAÍSSA REGLY DE MOURA SOUZA

Resumo: Ainda hoje, as universidades formam professores, que são habilitados para aplicar conteúdos sobre língua e literatura clássica. No entanto, esses e outros estudos humanísticos deixaram paulatinamente o currículo da Educação Básica. Diante desse quadro, como estudantes de Letras Clássicas, e amparadas por orientação docente, elaboramos um projeto de pesquisa na licenciatura que trabalhou a recontextualização (BERNSTEIN, 1996) do discurso clássico com base no gênero fábula, muito presente na Antiguidade Clássica e com relevância social na contemporaneidade. Como participantes dessa pesquisa, contamos com alunos do 7º ano do ensino fundamental de um colégio federal na cidade de Niterói e nossas atividades ocorreram durante estágio obrigatório da disciplina Prática e Pesquisa de Ensino (PPE) no segundo semestre de 2019. O projeto foi realizado na biblioteca da escola, justamente pela falta de espaço para o estudo desse conteúdo, tão caro para formação cultural dos discentes, em sala de aula. Neste artigo, relatamos sobre a experiência de progressão desse projeto de resgate da literatura clássica por meio de textos de Esopo e Fedro, fabulistas grego e romano, respectivamente, bem como da releitura de suas fábulas pelo olhar de autores brasileiros mais atuais, sendo eles, Monteiro Lobato e Millôr Fernandes. Baseadas no trabalho de Peter Burke (2010) sobre linguagem e comunidade e na concepção de ensino dos estudos de Moita Lopes (1996), alcançamos um desenvolvimento produtivo do projeto que culminou na produção de uma narrativa coletiva, além de discussões enriquecedoras com os alunos acerca dos reflexos da função do gênero fábula nas sociedades do passado e do presente.

Palavras-chave: Estudos clássicos; fábulas; projeto de estágio docente.

Abstract: Even nowadays, universities educate qualified teachers to teach classical language and literature. However, these and other humanistic studies gradually left the Basic Education curriculum. Given this background, as Classics students, and supported by teaching guidance, we developed a research project that worked with the recontextualization (BERNSTEIN, 1996) of classical discourse based on the fable genre. This one was very present during Classical Antiquity and has social relevance in contemporary times. As participants in this research, we counted on students from the 7th year of a federal elementary school in Niterói city and our activities took place during a compulsory internship of the Researching and Teaching Practice (RTP) discipline by the second semester of 2019. The project happened at the school library, precisely because of the lack of proper space to study such content, which is so expensive for the cultural education of students, in the classroom. In this article, we report on the experience of progressing with this project of the rescue of classical literature through texts by Aesop and Phaedrus, Greek and Roman fabulists, respectively, as well as by re-reading their fables through the eyes of more recent Brazilian authors, being them Monteiro Lobato and Millôr Fernandes. Based on Peter Burke's (2010) work on language and community and the teaching conception of studies by Moita Lopes (1996), we achieved a productive development of the project that culminated in the production of a collective narrative, in addition to enriching discussions with students about reflexes of the fable genre function in past and present societies.

Keywords: Classical studies; fables; teaching internship project.

INTRODUÇÃO

Como povo latino-americano, temos muitas de nossas raízes originárias da cultura greco-romana, mas os estudos Clássicos foram paulatinamente abandonados do currículo mínimo da educação básica, até serem completamente erradicados décadas atrás. Atualmente, temos um número mínimo de instituições que ofertam o ensino dos idiomas e literaturas grega e romana, sendo as universidades públicas do Sudeste algumas dessas.

Tendo em vista tal cenário, como estudantes de Letras Clássicas no estágio obrigatório correspondente às suas habilitações, nossa principal intenção era a de evidenciar as origens clássicas aos alunos e trazer de volta a herança que lhes pertence e, mais importante, fazê-los entender que têm direito de transitar por tais discursos e cultura, bem como fazerem parte consciente dessa.

No primeiro semestre de estágio do ano de 2019, foi realizada uma pesquisa e catalogação bibliográfica de livros de literatura clássica grega e romana – ou relacionados a esses – na biblioteca do colégio federal de Niterói no qual realizamos nosso estágio docente. Considerando esse levantamento bibliográfico e as reflexões propiciadas pela leitura dos livros selecionados presentes no acervo da biblioteca da escola, elaboramos um projeto para o semestre seguinte, que visava a produção de um curta-metragem inspirado em fábulas que seriam lidas e discutidas com alunos do sétimo ano do colégio supracitado.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao fundamentarmos este projeto, utilizamos como base teórica diversos autores estudados na disciplina Prática e Pesquisa de Ensino (PPE) III. Entre eles, destacamos como referencial para a concepção de ensino que adotamos em nosso planejamento e prática o professor Moita Lopes, renomado pesquisador de Linguística Aplicada.

De acordo com os estudos de Moita Lopes (2002), construímos um trabalho com

textos no qual nós, na posição de docentes em formação na execução do projeto, não passamos a ideia de que éramos as únicas detentoras dos saberes que circulavam pelas fábulas, mas, sobretudo, buscamos problematizar as vozes dos autores dos textos trabalhados, do contexto histórico-social da época da produção dessas narrativas e das vozes dos leitores contemporâneos. Como ponto central do trabalho, buscamos sempre convocar o conhecimento prévio desses alunos sobre os pontos abordados nos encontros.

Dessa forma, evidenciamos para o grupo de alunos que eles também eram e são protagonistas durante o aprendizado. Priorizamos uma prática de leitura na qual o aluno, numa via de mão dupla, adquire conhecimentos por uma leitura do texto e também contribui com significados para o próprio texto por conta de suas vivências. Esse é um modelo de leitura interacional com o fluxo de informação ascendente e descendente simultaneamente (MOITA LOPES, 2002, p. 138), que promove diálogos durante o ato de ler.

No tocante ao instrumento de ensino, optamos pela noção de gêneros do discurso de Bakhtin (2003), que defende que toda a forma de comunicação se dá em algum campo específico de elaboração de discurso. Entretanto, não só por ser um aspecto estrutural da interlocução, mas também por ser parte do essencial da prática de domínio social, uma vez que gêneros textuais, segundo Marcuschi (2008), são ferramentas fundamentais nas relações de comunicação humana, ou seja, são “nossa forma de inserção, ação e controle social do dia-a-dia” (p. 161). Aqui, entendemos gêneros textuais e discursivos como nomenclaturas intercambiáveis, assim como Marcuschi (2008, p. 154).

Para embasar a nossa opção de estudar e ensinar textos e línguas da Antiguidade Clássica, nos valem do teórico Peter Burke e de seus estudos sobre linguagem e comunidade. Burke (2010) defende que as mudanças linguísticas servem como um indicador das mudanças culturais e que o período que intitula como “descoberta da língua”, iniciado nos séculos XIV e XV, gerou

uma conscientização sobre as variedades linguísticas e “a crença de que as línguas revelavam a natureza dos que as falavam” (BURKE, 2010, p. 40). Assim, queremos fazer circular com mais clareza para o estudante de ensino fundamental a herança cultural desses povos que tanto contribuíram para a cultura ocidental e que possuem conhecimentos que reverberam até os dias de hoje em nossa formação intelectual e em diversas esferas da sociedade.

Ao contrário da ideia muito disseminada na crença popular de que línguas antigas, como o latim, são línguas “sem um povo”, Burke (2010, p. 60) opta por encarar essas línguas antigas como línguas em busca de uma comunidade, já que ainda estão presentes no cotidiano de determinados grupos sociais da contemporaneidade, como os juristas e nos meios eclesiásticos e acadêmicos. Aqui, colocamo-nos como estudantes em busca de uma comunidade para dividir o que aprendemos durante a graduação, na escola, com esse público mais jovem e encontramos um bom caminho para a promoção desse diálogo entre academia e sociedade.

Uma outra inspiração para a execução deste trabalho, foi a constatação de que um resgate dos estudos clássicos se faz necessário hoje, a fim de promover uma formação mais humanista e, desse modo, balancear o excesso conteudista, e por vezes tecnicista (KALTNER, 2009), na formação dos alunos da Educação Básica. Tais práticas, em certa medida, podem restringir o pensamento crítico e reflexivo em sala de aula.

De acordo com o trabalho de Cunha Júnior (2008), no qual comenta sobre a história e os moldes curriculares do Colégio Pedro II no período do Império – uma das últimas instituições com ensino fundamental e médio a retirar o ensino de Latim e Grego Antigo de sua grade de disciplinas –, nota-se que, outrora, a sociedade brasileira prestigiada tinha uma boa recepção em relação a um ensino mais humanista, tendência que não vemos hodiernamente:

O conhecimento e o domínio das letras clássicas e modernas eram símbolos e atributos distintivos da eli-

te brasileira imperial. Durante expressiva parte do império, nossa boa sociedade esteve tomada de uma admiração pela cultura antiga, de uma paixão pela eloquência e da preocupação com o requinte de suas maneiras e costumes. Seja nos tribunais, nos textos de jornais, nas casas legislativas ou nos salões, as citações de pensadores gregos e as máximas latinas eram frequentemente utilizadas nos discursos e conversas. (CUNHA JÚNIOR, 2008, p. 106).

Embora Cunha Júnior (2008) refira-se aos “tempos áureos” do aprendizado das línguas e culturas clássicas na educação básica da época imperial como apenas um meio para manutenção do arcabouço cultural da elite, hoje, nossa proposta de recontextualização do discurso clássico foge a essa tendência, visto que acreditamos nessa recontextualização como um veículo crítico de transformação, assim como Bernstein (1996, p. 259) quando afirma que o princípio recontextualizador na prática pedagógica “apropria, reloca, refocaliza e relaciona outros discursos, para constituir sua própria ordem e seus próprios ordenamentos”. Segundo Mainardes e Stremel (2010, p. 43), também na esteira de Bernstein, com a recontextualização do discurso, este passa a não ser mais o mesmo por estar inserido em um contexto diferente de sua produção, o que gera discussões, releituras e problematizações também divergentes.

Hoje, o ensino de Letras Clássicas não vive mais os dias de glória do passado, mas, caminhando com dificuldade até mesmo no ensino superior, a área de Clássicas persiste com muita resistência e nós, como estudantes dessa área, buscamos com este projeto cultivar a esperança de que esse cenário ainda se modifique no Brasil.

A EXPERIÊNCIA

Antes de colocarmos o projeto em prática, quando ainda cursávamos a disciplina PPE III, sob orientação da professora responsável, passamos por um período de muito planejamento e formação teórica. Para aprimorar nossa formação, participamos como ouvintes do evento Semana de Clássicas, no qual antigos alunos da PPE de Letras Clássicas

(...) conscientizar os alunos sobre o valor que esses estudos têm em nossa formação intelectual e promover, de acordo com nossas limitações, um retorno ao ensino da literatura clássica na Educação básica.

apresentaram projetos desenvolvidos nesse mesmo colégio federal em períodos anteriores. Também participamos de um curso de extensão sobre gêneros discursivos e formação docente. Entre as atividades desenvolvidas nessa etapa, mapeamos o acervo de livros da biblioteca da escola, a fim de delimitar o gênero textual e as obras com as quais gostaríamos de trabalhar com os alunos. Também elaboramos uma unidade didática, fundada nos conceitos de Irene de Carvalho (1978), com atividades contendo a bibliografia selecionada para nortear o nosso projeto na escola e estabelecemos o primeiro contato com os alunos do colégio.

Nesse primeiro encontro, apresentamos o projeto aos alunos de uma turma de 7º ano, na qual a professora responsável se dispôs a ceder um tempo de sua aula, a cada semana, para desenvolvermos o projeto com os alunos interessados. Após a apresentação de nossa proposta de atividade interdisciplinar para a turma, conversamos com os alunos sobre o que eles já conheciam sobre fábulas e sobre os autores e os períodos que gostaríamos de discutir juntos. Observamos que os alunos já possuíam um conhecimento prévio sobre o assunto e sete deles mostraram interesse em compor a atividade conosco nas semanas subsequentes, para um aprofundamento sobre o tema. No entanto, com o passar dos debates na biblioteca, o número de alunos participantes diminuiu e ficamos apenas com três alunos até o último dia de ações na escola.

Com a apresentação do gênero fábula nos debates iniciais, pretendíamos que os alunos refletissem sobre a função das fábulas como ferramenta de discussão de valores sociais, crítica a comportamentos, indicação de um ensinamento e, principalmente, uma forma de denunciar vícios de uma sociedade em um período de silenciamento. Especificamente com essa última função social das fábulas, nosso

objetivo era evidenciar para os alunos que, desde a Antiguidade até os dias atuais, a fábula continua sendo essa ferramenta de denúncia. Para isso, selecionamos a fábula *O lobo e o cordeiro*, nas versões de Esopo, Fedro, Monteiro Lobato e Millôr Fernandes.

Para contextualizar as versões das fábulas desses autores, explicamos aos nossos alunos um pouco da biografia de cada um e do momento histórico no qual viveram, quando da publicação de cada versão. Na Antiguidade Clássica, apesar do pouco respaldo histórico, diz-se que Esopo e Fedro foram escravizados e, especificamente Fedro, foi perseguido nos governos de Tibério e Calígula por suas histórias. Segundo André Malta (2017, p. 11), com esses autores, o gênero fábula “adquire em definitivo uma existência autônoma e propriamente literária, deixando de ser um elemento acessório no interior do discurso”. Quanto aos autores brasileiros, durante a Era Vargas, Monteiro Lobato foi um ferrenho militante pró-democracia, censurado e preso nesse período, e Millôr Fernandes também sofreu censura durante a Ditadura Militar, pois suas produções literárias incomodavam os governos vigentes.

Ao apresentar a esses alunos as versões da fábula *O lobo e o cordeiro* de Esopo e Fedro, autores clássicos incontestavelmente desconhecidos desse público, buscamos levar um pouco das influências clássicas que ainda se fazem tão presentes na produção cultural contemporânea, conscientizar os alunos sobre o valor que esses estudos têm em nossa formação intelectual e promover, de acordo com nossas limitações, um retorno ao ensino da literatura clássica na Educação básica.

Para a execução do projeto durante o estágio de PPE IV, utilizamos como base o capítulo de material didático que foi produzido por nós mesmas no semestre de

2019.1, intitulado *O lobo e o cordeiro: de Era em Era*. Desse modo, os textos escritos utilizados seriam as versões da fábula *O lobo e o cordeiro* dos autores supracitados e os boxes informativos da unidade didática referente a cada autor. Como os textos são curtos e de fácil entendimento, conseguimos abordar os quatro autores durante a aplicação do projeto. Juntamente a cada versão da história, abordamos um pouco da relação da vida dos autores e o contexto histórico de cada obra, produzidos em períodos ou situações de silenciamento, bem como a reflexão sobre a finalidade da fábula. Dessa forma, acreditamos que os alunos puderam desenvolver um olhar mais crítico não apenas em relação ao gênero fábula, mas também em relação ao seu cotidiano e ao que é consumido cultural e intelectualmente.

Além disso, utilizamos algumas perguntas presentes no material didático, selecionando-as de acordo com a relevância e adaptando-as segundo a necessidade do contexto oral e do que era levantado nos encontros pelos alunos. Entre as perguntas levantadas para conduzir o debate com os alunos, selecionamos questões, numa ordem lógica, que tratavam, por exemplo, da estrutura e função da fábula; questionamos se os alunos já conheciam histórias com animais como personagens, também se sabiam qual era o objetivo do autor em utilizá-los e se viam as fábulas como ferramenta de ilustração de problemas da atualidade. A sequência das perguntas foi pensada para que, paulatinamente, houvesse um entendimento global do assunto discutido. É importante ressaltar que sempre tentamos trabalhar a partir do conhecimento de mundo dos alunos, principalmente no início dos encontros, a fim de que eles compreendessem que esse conhecimento não está tão distante de suas realidades e, dessa forma, não se desinteressassem.

O objetivo final do projeto era recontextualizar a narrativa clássica *O lobo e o cordeiro* na pauta das relações de poder na contemporaneidade. Tomando por base o conhecimento e as reflexões propiciados nos encontros, inicialmente propomos aos alunos a elaboração de uma fábula em grupo, em segui-

da, a transposição dessa história criada coletivamente para um roteiro e, depois, a gravação do vídeo curta-metragem de produção completamente autoral, estimulando os alunos a criarem sua própria fábula, agora numa linguagem cinematográfica, já que, ao longo dos encontros, os alunos puderam compreender a relevância e função social desse gênero. Esse dado irá permanecer em essência, mesmo numa plataforma diferente, pois, da mesma forma que as fábulas na Antiguidade eram contadas de forma oral e hoje costumamos repassá-las pela escrita, podemos explorar, também, os recursos tecnológicos. Mesmo nas telas, a fábula mantém seus elementos essenciais, como os animais como personagens, o conflito, a moral da história e sua função social, bem como há milênios.

Enfrentamos alguns desafios na aplicação do projeto, que serão explicitados na seção do Relatório de Atividades, e não conseguimos produzir o vídeo. Planejávamos que essa produção permitisse que a cultura clássica fosse transmitida de forma consciente numa plataforma moderna, assim, ampliando a divulgação dessa cultura – que é base da nossa própria – para outros jovens.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES

Para iniciar a aplicação do projeto, passamos alguns dias nos ambientando no colégio federal e apresentamos o projeto intitulado *Projeto curta: das fábulas para as telas* à professora de Língua Portuguesa, que prontamente aceitou ceder um espaço de sua aula para divulgarmos nossas ideias para seus alunos do sétimo ano e, dessa forma, combinamos com os estudantes interessados o local e os horários de nossos encontros.

Por conta da falta de espaço para o estudo da literatura clássica na grade escolar, de uma forma mais profunda do que comumente é feito, como apenas utilizar essa literatura como um pretexto para os estudos gramaticais, só nos restou a biblioteca para desenvolvermos o projeto com os alunos voluntários, já que esse espaço é o que ainda preserva textos de autores da Antiguidade

Clássica, embora um pouco esquecidos nas prateleiras.

Nos primeiros encontros, apresentamos as versões mais antigas da fábula *O lobo e o cordeiro*, ou seja, a versão grega e latina, em uma leitura conjunta. Nos últimos encontros, trabalhamos releituras dessa história feitas por autores nacionais mais próximos de nossos dias: Monteiro Lobato e Millôr Fernandes. Após a leitura de cada versão da fábula, buscamos discutir o gênero textual, sua temática, as variações entre cada versão e sentido da narrativa por meio de perguntas orais, cujo objetivo foi guiar o debate para o entendimento das funções sociais do gênero textual fábula que perduram até a contemporaneidade, que são: a discussão de valores sociais, crítica a comportamentos, tal como a indicação de um ensinamento e, principalmente, uma forma de denunciar vícios de uma sociedade em um período de silenciamento.

As perguntas que nortearam esses debates foram adaptadas de um material didático de nossa autoria intitulado *O lobo e o cordeiro: de Era em Era*, elaborado durante a disciplina PPE III, inspirado na leitura comparada de quatro versões da fábula *O lobo e o cordeiro*, por Márcio Luiz M. Ribeiro e Marcos André M. dos Santos (2014). O processo de construção dessa unidade didática foi lento e gradual. Passamos por diversas revisões e reelaborações com o auxílio da professora de PPE, que nos acompanhou tanto no semestre de elaboração quanto no semestre de aplicação, e, mesmo após a aplicação do material, ainda encontramos lacunas que podem ser ajustadas na unidade didática para uma próxima aplicação.

Antes de cada encontro, revisávamos as perguntas do bloco correspondente ao autor a ser trabalhado e decidíamos os pontos que trabalharíamos e em qual ordem, para que a conversa com os alunos fosse a mais natural e fluida possível. Em diversos momentos nos desvinculamos do plano de aula feito, precisamente para seguir o fluxo de dados e impressões não previstas por nós, mas de grande relevância, que a participação dos estudantes acabou acrescentando, como co-

mentários sobre as relações de poder na sociedade e dinâmicas interestatais entre Brasil e Estados Unidos.

De fato, mais do que apresentar um gênero textual, sua função social e os autores clássicos, nosso objetivo era o de promover um ensino dialógico, conceito trabalhado por Paulo Freire ao longo de suas obras, com ênfase no livro *Pedagogia do oprimido* (1987), no qual os alunos fossem partícipes da construção dos significados do estudo. Para isso, durante toda a aplicação, buscamos convocar o conhecimento prévio dos alunos, aproveitando o que eles já sabiam sobre as fábulas para, só assim, partirmos para a introdução de novos saberes. Por exemplo, todos do grupo conheciam a famosa narrativa *A cigarra e a formiga*, o épico da Disney *O Rei Leão*, as adaptações mais recentes para a TV do *Sítio do Pica Pau Amarelo*, que utilizam animais personificados; e a estrutura de narrativa, estudada pelos alunos no 6º ano.

Nosso planejamento inicial sofreu interferências devido a alguns imprevistos, como demandas burocráticas para a inicialização do estágio, paralisação dos servidores e indisponibilidade do espaço pré-delimitado da biblioteca do colégio. Com isso, não pudemos iniciar a aplicação do projeto junto ao começo do período letivo, pois tivemos um atraso superior ao de um mês para poder entrar como estagiárias no colégio em tela e não conseguimos nos adaptar para fazer a fase conclusiva da nossa proposta inicial, que era a gravação de um curta-metragem com os alunos.

Bakhtin já dizia que “tudo o que é teórico ou estético deve ser determinado como momento do evento singular do existir, embora não mais, é claro, em termos teóricos e estéticos” (2017, p. 43). De fato, o inusitado é natural à docência, o que apenas reforça que essa é uma área intrinsecamente composta de reflexões, adaptações e reinvenções na sua prática. Sendo assim, buscamos alternativas para os obstáculos encontrados ao longo do desenvolvimento do projeto na escola. Por exemplo, quando não pudemos usar a biblioteca, viabilizamos encontros com o grupo de alunos em outros locais da escola,

Todas as discussões realizadas, bem como a produção coletiva da fábula e do roteiro atingiram nossas expectativas e nos deram fôlego para pensar em novas iniciativas com o intuito de levar o diálogo entre a cultura clássica e a brasileira para outros públicos.

como a arquibancada esportiva e a sala de leitura. Também criamos um grupo de *WhatsApp* para desenvolvermos com os alunos algumas pautas do projeto e nos organizarmos melhor quando a escola não estava funcionando. Assim, conseguimos progredir até a parte de confecção das fantasias que seriam usadas pelos estudantes na gravação do curta-metragem, mas o final de período impediu que um encontro mais longo para a filmagem do vídeo fosse realizado.

Apesar da disposição dos alunos e da organização com o tempo mais limitado, outro obstáculo inesperado foi a disponibilidade do espaço pré-delimitado da biblioteca do colégio. Apesar dos dias e horários do projeto estarem devidamente marcados, por diversas vezes, nos deparamos – junto de nossos alunos e até mesmo outros que apenas queriam utilizar o espaço – com o acesso impedido. Os motivos que nos foram dados eram diversos e tivemos que improvisar para não perder mais dias de desenvolvimento das atividades.

Ainda que confrontadas com tantos entraves, obtivemos resultados igualmente agradáveis e inesperados vindo por parte dos alunos. Além da rápida compreensão sobre a estrutura do gênero textual fábula e sua função social, os alunos participantes prontamente relacionaram o contexto de produção dos textos dos autores estudados com os problemas do cenário atual brasileiro, demonstrando um senso crítico acurado. Todas as discussões realizadas, bem como a produção coletiva da fábula e do roteiro atingiram nossas expectativas e nos deram fôlego para pensar em novas iniciativas com o intuito de levar o diálogo entre a cultura clássica e a brasileira para outros públicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio, pode parecer muito complexo levar materiais e discussões que tratem com mais profundidade da cultura neoclássica no espaço escolar da atualidade. Mas, ao refletirmos sobre nossa cultura neolatina, notamos que o radical está na palavra porque tem um sentido, além da abundância de influências, ecos, inspirações e releituras do legado greco-latino. Portanto, com estudo, pesquisa e confiança no conhecimento esquemático de nossos próprios estudantes, conseguimos apresentar às novas gerações os conhecimentos dos antigos e, mais ainda, fazê-los entender que eles não estão mortos – como costumam falar sobre a língua latina, por exemplo –, mas, sim, continuam vivos, latentes em nosso cotidiano, tal como vários dos problemas sociais de desigualdade, disputa de poder e opressão, que foram problemas do passado, combatidos e denunciados de diversas formas – como no caso das fábulas – e continuam por assolar a nossa sociedade moderna.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BERNSTEIN, Basil. **A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle**. Vozes: Petrópolis, 1996.

BURKE, Peter. **Linguagens e comunidades nos primórdios da Europa Moderna**. Tradução Cristina Yamagami. São Paulo: Unesp, 2010.

CARVALHO, Irene. **O ensino por unidades didáticas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1978.

CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando Ferreira. **O Imperial Collegio de Pedro II e o Ensino Secundário da boa sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KALTNER, Leonardo. O ensino de letras clássicas no Brasil: Panorama histórico e cultural. **Revista Brasil-Europa**, [S. l.], 2009. Disponível em: <http://www.revista.brasil-europa.eu/118/Letras_classicas.html>. Acesso em: 20 de jul. 2020.

MAINARDES, Jefferson; STREMELE, Silvana. A teoria de Basil Bernstein e algumas de suas contribuições para as pesquisas sobre políticas educacionais e curriculares. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p. 31-54, 2010. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24114>>. Acesso em: 30 set. 2020.

MALTA, André. Apresentação às Fábulas de Esopo. In: ESOPPO. **Fábulas, seguidas do romance de Esopo**. Tradução André Malta e Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Editora 34, 2017.

MARCURSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino-aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha; DOS SANTOS, Marcos André Menezes. “O lobo e o cordeiro” e “A raposa e as uvas”: Uma leitura comparada – Fedro, Esopo, La Fontaine, Monteiro Lobato e Millôr Fernandes. **Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**, v. 18, n. 3, p. 100-110, 2014. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/min_ofic/010.pdf>. Acesso em: 16 de jul. de 2020.

SOBRE AS AUTORAS

Bárbara Siqueira Martins é mestranda em Literatura Brasileira e Teoria da Literatura pela UFF e graduada em licenciatura em Letras Português-Grego pela mesma instituição (2020). Em 2018, ingressou como bolsista da CAPES no Programa Residência Pedagógica de Língua Portuguesa, concluindo suas atividades no projeto em 2020.

Tháisa Regly de Moura Souza possui licenciatura em Letras Português e Latim pela UFF (2019). Foi bolsista duas vezes pelo programa de Iniciação Científica pela FAPERJ, com pesquisas focadas no naturalista Karl F. P. von Martius e na Historiografia da Linguística. Atualmente, dedica-se à graduação em Relações Internacionais.